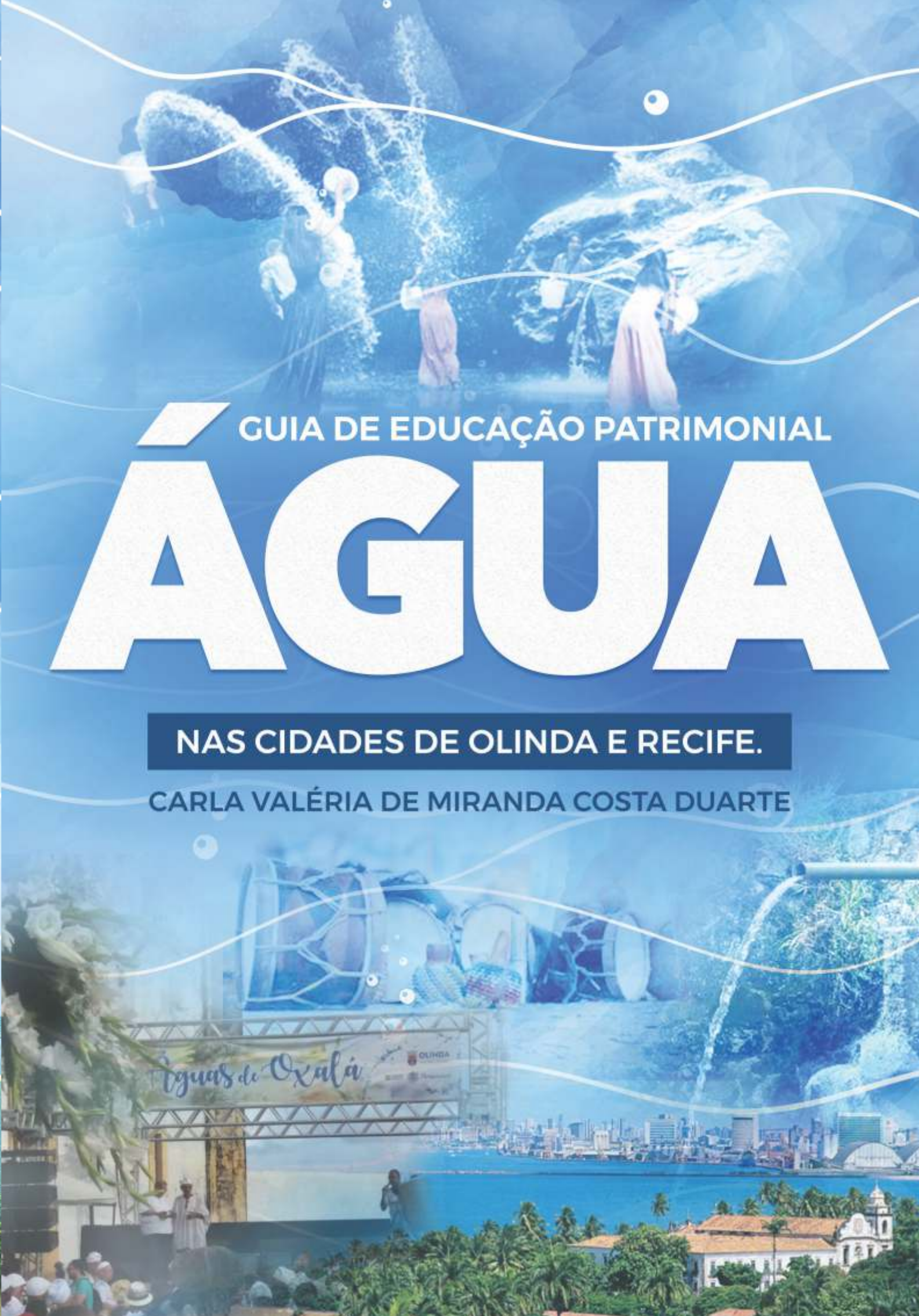




GUIA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

ÁGUA

NAS CIDADES DE OLINDA E RECIFE.

CARLA VALÉRIA DE MIRANDA COSTA DUARTE

 GUIA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

ÁGUA

NAS CIDADES DE OLINDA E RECIFE.

CARLA VALÉRIA DE MIRANDA COSTA DUARTE

Projeto gráfico

Narjara Lobo

Orientação

Dr. Otacílio Antunes Santana.

Revisão

Lúcia Amaral

Socorro Albuquerque

Socorro Bioni

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ficha Catalográfica

D812g

Duarte, Carla Valéria de Miranda Costa.

Guia de educação patrimonial: água nas cidades de Recife e Olinda. /
Carla Valéria de Miranda Costa Duarte. – Olinda: Livro Rápido, 2019.

47 p. : il.

Biografia p. 42 - 46 (bibliografia localizada)

Sobre a autora e orientador p. 47

ISBN 978-85-5707-946-5

1. Educação patrimonial. 2. Recursos hídricos. 3. Patrimônios antrópicos e naturais. 4. Rios Capibaribe e Beberibe. I. Título.

556.18 CDU (1999)

Fabiana Belo - CRB-4/1463

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

PARTE I

- | | | |
|-----|---|----|
| 1.1 | Educação Patrimonial | 07 |
| 1.2 | Água, significados e expressões culturais | 11 |

PARTE II

- | | | |
|-----|--|----|
| 2.1 | Olinda & Recife – Água no contexto histórico | 14 |
| 2.2 | Canoeiros d'água – um ofício especializado | 18 |

PARTE III

- | | | |
|-----|----------------------------------|----|
| 3.1 | Inventário Cultural | 21 |
| 3.2 | Modelos das Fichas do Inventário | 26 |

NOTAS REFERÊNCIA

APRESENTAÇÃO

O material apresentado consiste em um objeto de aprendizagem, produto final da dissertação - **“EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E RECURSOS HÍDRICOS: um Guia para os municípios de Olinda e Recife”**, como sendo uma ferramenta pedagógica pertinente ao contexto da Educação Básica e público em geral.

Apresenta uma abordagem para a temática água alicerçada nas concepções da Educação Patrimonial, que tem como foco o patrimônio cultural em uma trajetória histórico-temporal. Possibilita uma aproximação da educação formal ao contexto social, cultural e ambiental, em uma rede complexa e um maior engajamento entre comunidade e escola. Visa à valorização das referências culturais, produção e difusão de conhecimentos transmitidos pelos agentes detentores do patrimônio cultural, a promover ações de continuidade, cuidado e preservação do bem cultural.

O objetivo do material é fornecer subsídios à compreensão para Educação Patrimonial como eixo integrador à educação para o cuidado e preservação dos patrimônios antrópicos e naturais ao longo dos cursos hídricos nas cidades de Olinda e Recife: os rios Capibaribe e Beberibe.

*Educação
Patrimonial,
que tem como foco o
patrimônio cultural
em uma trajetória
histórico-temporal.*

O material é composto por uma Parte Conservadora (PARTE I), apresentando os conceitos básicos, principalmente sobre o que é a Educação Patrimonial e a importância da ‘Água’ como expressão cultural. A (PARTE II), uma Parte Regeneradora, em que os conceitos se encaixam e se contextualizam nos espaços amostrais a serem trabalhados, (Olinda e Recife – os rios Capibaribe e Beberibe), com uma ressalva para o ofício dos canoeiros d’água – um ofício especializado no processo de abastecimento d’água em período histórico compartilhado pelas duas cidades. E por fim, uma (PARTE III), a Parte Geradora do conhecimento, com a inserção do Guia em um Inventário Cultural, em que, por meio guiado e de fichas (modelo), comunidade escolar e população em geral possam se educar patrimonialmente e construir referências teóricas por meio de textos, vídeos, imagens, expressões artísticas e outros, de seu espaço/tempo social.

Espera-se, sobretudo, que este material educativo constitua-se como possibilidade de construção de novos saberes e experiências a partir de práticas pedagógicas que possibilitem o reconhecer-se no contexto social e cultural como agente histórico e transformador.

1.1 EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

A Educação Patrimonial envolve ações educativas de sensibilização focada no Patrimônio Cultural. Sendo “o patrimônio cultural como locus privilegiado onde as memórias e as identidades adquirem materialidade.”¹, a conceituação da Educação Patrimonial perpassa pelas noções que o termo “patrimônio” assumiu ao longo tempo.

A princípio a referência em relação ao patrimônio estava vinculada a bens materiais e posses da família. Só a partir “[...] do século XVIII patrimônio passou a ser entendido como elemento protegido e nomeado como bens culturais de uma nação, visando criar uma referência comum, uma identidade de nação.”² A ideia principal que remetia ao patrimônio, a noção de monumento.

No Brasil, as discussões acerca do patrimônio cultural são evidenciadas nos anos iniciais do século XX. Período marcado pela noção de preservação do Patrimônio Cultural Nacional, vinculadas ao momento histórico

Galo da Madrugada O maior bloco de carnaval do mundo, símbolo da cultura pernambucana. O principal ritmo tocado no bloco é o frevo, que em cerimônia realizada na cidade de Paris, França, no ano de 2012, a UNESCO anuncia que, aprovado com unanimidade pelos votantes, o frevo foi eleito Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. (Texto extraído da fonte)



e cultural. Ressalta-se que, as práticas em Educação Patrimonial para esse período foram norteadoras de ações centradas no patrimônio arquitetônico. “Esta concepção restrita de patrimônio cultural consagrou-se entre os estudiosos a partir do termo ‘de pedra e cal’, uma vez que se dava ênfase às construções e demais edificações, desconsiderando-se assim, a dimensão imaterial do patrimônio cultural.”³

A visibilidade da temática voltada à preservação do Patrimônio Histórico e Artístico se deu nos museus e no tombamento de monumentos representativos de um ideal de nação que valorizassem a cultura nacional.

Segue-se que, em meados da década de 70 o conceito de Patrimônio Cultural foi “ampliando as características daquilo que deveria ser considerado fundamental para a formação da identidade de um povo e que deveria, assim, ser preservado. Considera-se assim intangível como patrimônio, caminhando para o que chamamos hoje de Patrimônio Cultural Imaterial.”⁴ É a partir desse contexto, que as práticas com foco no patrimônio cultural ganham espaço no cenário brasileiro através da perspectiva da Educação Patrimonial.

Também foi ganhando espaço e importância por meio de alguns dispositivos constitucionais, como a Constituição Federal em seu Art. 216, que institui o patrimônio cultural

CONSTITUIÇÃO FEDERAL/88⁵

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: (EC no 42/2003)

- I – as formas de expressão;
- II – os modos de criar, fazer e viver;
- III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (BRASÍLIA, 2012)

Decreto Nº 3.551/2000⁶

Art. 1º Fica instituído o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro.

§ 1º Esse registro se fará em um dos seguintes livros:

- I – Livro de Registro dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;
- II – Livro de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;
- III – Livro de Registro das Formas de Expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;
- IV – Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas.

(Texto extraído–Educação patrimonial: histórico, conceitos e processos/ IPHAN, 2014b) Podendo ser acessado em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Educacao_Patrimonial.pdf arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (BRASÍLIA, 2012)

brasileiro como bens de natureza material e imaterial e o Decreto nº 3.551/2000, que institui o registro de bens culturais de natureza imaterial.

Em um campo mais amplo, a noção de Patrimônio Cultural Imaterial que constitui o patrimônio cultural brasileiro, perpassa por constituintes dotados de valores simbólicos e significados expressos nas mais diversas formas de representação das culturas, sendo assim, prática social.

CEDUC – COORDENAÇÃO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL/ IPHAN⁷

Atualmente, a CEDUC defende que a Educação Patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o Patrimônio Cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. Considera ainda que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio do diálogo permanente entre os agentes culturais e sociais e pela participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais, onde convivem diversas noções de Patrimônio Cultural.



Foto: Claudia Santana Barbosa - Tapioqueira

Tapioca - Tipicamente brasileira, muito recorrente no Norte e Nordeste, foi consagrada Patrimônio Cultural Imaterial em (2006), sendo uma referência da culinária da cidade, associada ao ofício das Tapioqueiras do Alto da Sé em Olinda-PE.

Fonte: acervo da autora (2018).

E é nesse contexto de compreensão sócio-histórica, que a Educação Patrimonial busca o diálogo permanente entre os agentes detentores das diversificadas noções de patrimônio. Visa à valorização das referências culturais, produção e difusão de conhecimentos transmitidos pelos agentes detentores do patrimônio cultural, a promover ações de continuidade, cuidado e preservação do bem cultural.

ONDE POSSO ENCONTRAR MAIS INFORMAÇÕES ?

- Educação Patrimonial: Da Teoria à Prática. (MAGALHÃES; ZANON;BRANCO,2009)
- EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: Histórico, conceitos e processos. (IPHAN, 2014)
- O Patrimônio Cultural e a Materialização das memórias individuais e Coletivas. (Sandra C. A. Pelegrini,2007)
- Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais/ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. (IPHAN, 2012)
- Memória e Identidade. (Joel Candau,2016)
- Patrimônio Imaterial: disposições constitucionais: normas correlatas: bens imateriais registrados. (Flávia Lima Alves- Org., 2012)
- Patrimônios de Pernambuco: materiais e imateriais. (FUNDARPE, 2014)



ÁGUA, SIGNIFICADOS E EXPRESSÕES CULTURAIS



“Raros são os elementos que, tal como a água, influenciaram - e influenciam - os valores simbólicos, rituais e metafísicos da humanidade. Ela está profunda e emblematicamente enraizada nas tradições culturais de todos os povos do planeta. A cultura é a percepção pelo homem de seu ambiente natural.”

(FRANCA; RIBEIRO 2010).



Óleo sobre tela, 199 x 135cm – “Salto de Itu, piquenique da família do Dr. Elias Chaves”, 1886. Autor- Almeida Júnior (1850-1899). Acervo Museu Paulista (Museu de Ipiranga).

A forte presença da água no cotidiano das famílias

Fonte: Wikimédia Commons (2018).

Água (Patrimônio Cultural), sendo um “bem” comum, convém dizer que, a expressão “bem” pode aqui ser designada como “[...] a substância concreta da coisa dotada de significado patrimonial e que integra o rol do patrimônio coletivo, herança selecionada por um povo para referenciá-lo e constituir o conjunto que atravessa a temporalidade de suas gerações.”⁸ Tal percepção diz respeito às ideias de Carsales – “Patrimônio Cultural água”, sendo a água um “bem” que integra o rol do patrimônio coletivo entre as gerações.

Historicamente, sempre se constatou a vinculação da água em muitos aspectos da existência humana. “Raros são os elementos que, tal como a água, influenciaram – e influenciam – os valores simbólicos, rituais e metafísicos da humanidade. Ela está profunda e emblematicamente enraizada nas tradições culturais de todos os povos do planeta.”⁹ Seja como fonte de vida; como lugar de pertencimento; lugar de identidade, da natureza, da cultura;

objeto de valor e desenvolvimento econômico; na significação e expressões culturais dos povos de todas as nações no decorrer da história.

Como elemento constitutivo de valores e significados históricos e simbólicos, a “presença ou ausência de água escreve a história, cria culturas e hábitos, determina a ocupação de territórios, vence batalhas, extingue e dá vida às espécies, determina o futuro de gerações.”¹⁰ Ressaltar a sua importância, a partir de cenários e contextos sócio -históricos e multiplicidade de sentidos e significados que permeiam seu construto, é fortalecer os vínculos de cuidado e preservação e potencializar as estruturas simbólicas que vinculam o patrimônio água à existência humana.



Vista do largo do Boqueirão e do Aqueduto de Santa Teresa (1790) Rio de Janeiro. Autor: Leandro Joaquim (1738-1798). National Historical Museum.

Fonte: Wikimedia Commons (2018)

PARA CONTRIBUIR COM SUA BUSCA NA TEMÁTICA ÁGUA

(Todos os links para acesso encontram-se nas referências)

Água e a manutenção da vida	Ciranda das Águas, tecendo rede de boas práticas e apoio à ação local. (DUALIB, 2011)
Água e o meio ambiente	• Caminho das Águas. (ANA, 2006) • A Questão da Água no Nordeste. (ANA, 20012)
Água e os aspectos sociais, políticos e econômicos	Política de águas e Educação Ambiental: processos dialógicos e formativos em planejamento e gestão de recursos. (PAULA JUNIOR, 2009) Contas econômicas ambientais da água no Brasil 2013–2015 (ANA, 2018)
Água e cultura	A História do Uso da ÁGUA no Brasil. Do descobrimento ao Século XX. (FRANCA, 2006) Patrimônio Cultural Del Agua. (MELNTYRE-TAMWAY'S, 2011) FESTA DE NOSSA SENHORA DAS ÁGUAS: Patrimônio imaterial e a cultura popular. (RODRIGUES, 2011)
Materiais lúdicos e paradidáticos	Quem vai salvar o rio? (CPRH, 2018) Pingo de Quê? (CPRH, 2014) E eu com isso? Uma reflexão sobre nossas respostas às questões ambientais. (OLIVEIRA, 2009) Água. Ou todos preservam ou ela acaba- 1ª edição. (DNIT, 2011) Caixa de Ciências-Água- 20 experimentos para o uso sustentável da água. (BORGES, 2017) Povos das Águas. (SILVA, 2017) A História da Água no Brasil- do descobrimento aos dias atuais: Águas no país das jabuticabas (TEIXEIRA, 2017)

PARTE II

2.1

OLINDA & RECIFE

A água no contexto histórico.

RECIFE – Bairro do Recife¹²

Banhado pelo Oceano Atlântico e cortado pelos rios Capibaribe e Beberibe, Recife nasceu no início do século XVI como porto, ancoradouro natural da sede da capitania, Olinda. A cidade era então uma pequena lingüeta de terra, entre o mar e os rios. O assentamento da povoação e a configuração das primeiras vias foram consequência do formato natural da lingüeta e da escassez de terra firme. De pequena vila de pescadores, cujo centro da ocupação era uma pequena ermida, a do Corpo Santo, a cidade foi crescendo.

No século XVIII, o aglomerado urbano cresceu bastante, adentrando o século XIX com a ampliação em três vezes da estreita faixa de terra primitiva, ocupada por sobrados altos e magros nas ruas estreitas.

O Bairro do Recife hoje é um somatório das etapas de sua formação. Isto se revela de forma clara tanto no seu traçado urbano quanto no seu variado acervo construído.

OLINDA – Sítio histórico¹¹

Está localizado ao norte de Recife, à 9 km do centro da capital. Preservado em seu traçado urbano, na paisagem e no conjunto arquitetônico, o Sítio Histórico de Olinda corresponde hoje ao plano de ocupação colonial português a partir do século XVI. Também conhecido por Cidade Alta, a harmoniosa integração entre a arquitetura, o verde e o mar, compõe uma paisagem inesquecível.

As primeiras ocupações da vila de Olinda foram assumidas pelos portugueses, sob o comando de Duarte Coelho, a quem foi destinado a administração da Capitania de Pernambuco. Aportando na costa do nordeste brasileiro, vislumbrou o alto das colinas como a situação ideal para a implantação da sua sede. De acordo com registros, Duarte Coelho teria exclamado “Oh! Linda terra e outeiro para edificar uma villa!”, ante à beleza natural descortinada do mar.

Texto extraído: Rotas do Patrimônio
Olinda Sítio Histórico / Bairro do Recife.
IPHAN/ Programa Monumenta/Banco
Interamericano de Desenvolvimento, 2010.



Legenda: Vista da cidade do Recife e da parte de Olinda
tomada da Ladeira da Misericórdia – W. Bassler (1847).
Fonte: Museu da Cidade do Recife (2018).

Olinda e Recife, cidades que se conectam na história, na cultura, nos recursos e belezas naturais. Ambas, cidades do estado de Pernambuco, sendo o Recife sua capital e Olinda cidade adjacente, pertencente à Região Metropolitana do Recife. Sem limites físicos e naturais, possuem dois rios que as desenham e as conectam: Capibaribe e Beberibe.

Estes rios vivenciaram o processo de crescimento e urbanização das cidades de Olinda e Recife ao longo do tempo e compartilharam algumas singularidades em relação a vários aspectos, sobretudo, o Rio Beberibe e a sua importância histórica para o abastecimento de água da Região Metropolitana do Recife.

O RIO BEBERIBE E SUA IMPORTÂNCIA [...] UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA ¹³

“Em Olinda, como a retirada natural das águas do rio Beberibe não era suficiente para o consumo da crescente população, nas propriedades existiam cacimbas que forneciam água potável ou salobra. Para o público havia fontes que eram vulgarmente denominadas de bicas, como a do Rosário, a bica dos Quatro Cantos, a de São Pedro, a do Poço do Conselho e a Cacimba dos Milagres.

Na vila de Recife a população era abastecida de água por um sistema primitivo e realizado por canoas que retiravam água do Beberibe e do Capibaribe no trecho em que os mesmos não sofriam a influência da maré. A planície do Recife é muito baixa e por ocasião das marés altas o mar invade o leito dos rios, tornando a água salobra.”



Mapa de Luís Teixeira (c. 1582 – 1585) com a Vila de Olinda e o Porto do Recife, Brasil Colônia.
Fonte: Wikimedia Commons (2018)

Como muitas cidades coloniais brasileiras, as cidades Olinda e Recife supriram suas necessidades de água para beber, tomar banho e outros usos, captando em fontes, cacimbas, bicas e rios. No entanto, fica evidente o sofrimento da população com esse abastecimento, que mesmo pela “abundância de mananciais registrada por Duarte Coelho no Foral de Olinda [...] não impediu que já nas primeiras décadas de instalação e povoamento da vila sua população padecesse de dificuldades para dispor da água necessária ao seu consumo rotineiro.”¹⁴ Período este, que tinha-se no modo de produção, principalmente,

a atividade açucareira e com ela, o crescimento urbano a justificar uma demanda por água potável, que, embora muito abundante, não atendia à população de forma satisfatória.

Faz-se aqui, a ressalva para o abastecimento através das canoas, onde as “águas do Beberibe que abasteciam a vila de Recife eram retiradas na ponte do Varadouro em Olinda, e conduzidas margeando o istmo, por grandes canoas especialmente construídas para esse fim.”¹⁵ Tendo o transporte pelos rios um importante meio de circulação, onde, não só a água, como gêneros diversos e pessoas sendo transportados por canoas, sendo estas, “um dos elementos da civilização material dos indígenas mais amplamente utilizados pelos colonizadores europeus do novo continente.”¹⁶

Desta forma, durante muito tempo, a população foi suprida nas suas necessidades de água potável através de canoas, conduzidas pelos rios Capibaribe e Beberibe. As “canoas de água tinham capacidade para até cem barris e delas a água podia ser comercializada diretamente com os consumidores ou seguir para os tanques intermediários que as vendiam à população, no centro da cidade. [...] Este transporte de água era moroso e sua higiene bastante comprometida.”¹⁷

Além das condições da higiene, tinha-se também o alto custo a que se chegava a água até as residências através dos aguadeiros. “As famílias mais abastardas tinham seus próprios escravos e canoas para esse propósito,

Ponte do Recife – Litografia de W. Bassler – Raras e Preciosas vistas panoramas de Recife (1755 - 855). Na litografia a presença de canoas d'água.
Fonte: Museu da Cidade do Recife (2018).





Pernambuco – Tomada do Hospital D. Pedro II – F. H. Carls, 1878.
Fonte: Museu da Cidade do Recife (2018).

[...] preferiam não depender das canoas sujas, e da água cara dos aguadeiros, e passaram a adquirir os seus próprios pretos tanoeiros, encarregados de abastecerem suas casas de água potável.”¹⁸

E assim, os rios Capibaribe e Beberibe e a dinâmica de transporte e acesso à água margearam a história das cidades de Olinda e Recife, ao modo que foram sendo configuradas pelo mesmo processo. Não só o fator histórico e o crescimento populacional, mas também a mudança do uso da terra e a marginalidade social acuaram cenários que margeiam os rios citados e que representam marcos históricos que ao mesmo tempo foram um sistema de

distribuição de água e um sistema de proteção dos rios.¹⁹ Estando dessa forma, os rios associados de maneira emblemática à dinâmica social no processo de crescimento e urbanização das cidades de Olinda e Recife, as quais dispõem de lugares memoráveis com grande potencial interpretativo e educativo.

A água, dotada de significado patrimonial em um formato de conscientização histórico-temporal, faz referência à sua importância como um recurso natural. Bem como, a dinâmica social atrelada a ela, acerca do que permanece na memória e no imaginário das pessoas a respeito do ofício de canoeiros d'água como traços identitários que caminham de geração em geração.



CANOEIROS D'ÁGUA - UM OFÍCIO ESPECIALIZADO

Canoeiros, um ofício exercido predominantemente por escravos. Até que se tomasse outra configuração no abastecimento d'água, os canoeiros foram uma referência desse modo de apropriação da água nas cidades de Olinda e Recife. A compor uma categoria de escravos urbanos, que muito estão relacionados ao processo de formação das sociedades brasileiras, por seus conhecimentos e tradições, que, para além da especialização, uma grande versatilidade na execução de outros ofícios.

A destreza e o conhecimento especializado eram uma das características associadas ao desempenho do ofício de canoeiro. A destacar, o conhecimento sobre os rios e o ambiente natural, era, acima de tudo, uma tradição; um referencial, a percorrer as gerações vindouras na manutenção de costumes tradicionais.

Não apenas o conhecimento sobre os rios e o ambiente natural, mas a destreza com que faziam para movimentar-se em meio às oscilações das correntezas, em uma adaptação físico-espacial às modificações de profundidade e à presença de vegetação, demonstrando assim profundo conhecimento e intimidade

OS CAMINHOS DO RIO: NEGROS CANOEIROS NO RECIFE NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX ²⁰

“O rio não era uma estrada reta. Ele também tinha seus caminhos que, em alguns locais, afinavam-se em trilhas às vezes incontornáveis. Quando a água subia, em algumas curvas mais profundas formava redemoinhos que dificultavam a movimentação da canoa. Cabia ao canoeiro escolher o lado certo para não ter problemas. Fora isso, havia muito manguezal nas margens, e as plantas se largavam rio a dentro. Rios cheios de vida vegetal em seus leitos. A vara de remar tomava-se assim mais eficiente do que o remo, devido à água mais rasa na maior parte dos trechos e a essa vegetação. Em todas as gravuras que encontramos das Canoas menores, desde o período holandês, o remo é a vara, que se metia no fundo do rio, alavancando então a canoa para frente. O canoeiro tem que manuseá-la de pé, o que exige um molejo todo especial de cintura e bastante equilíbrio. Se a canoa fosse um pouco maior, às vezes se utilizava também o remo, só que colocado atrás, como se fosse um leme.”

com a dinâmica dos rios. Na mesma medida, ressalta-se o valor simbólico dado aos artefatos relacionados ao ofício de canoeiro, a exemplo, a canoa e a vara, destacando assim a dimensão cultural desses.

Tendo sido numerosos, principalmente no Recife, os canoeiros representaram uma categoria de trabalhadores que se organizavam a partir de princípios estabelecidos por hierarquias. Olympio Costa Júnior traz no Anuário de Olinda de 1958 texto intitulado – “OS ANTIGOS ENGENHOS – OS RIOS BEBERIBE E CAPIBARIBE – OLINDA – RECIFE”, o qual apresenta uma leitura a respeito desse ofício na percepção do viajante Daniel Kidder.²¹

São de 1839 as notas do viajante: - Os canoeiros são, em geral, negros possantes que manobram sozinhos as suas próprias embarcações. Existe entre eles uma espécie de hierarquia semelhante à militar. Alguns são eleitos, por sufrágio dos demais, para os postos de sargentos, alferes, tenente, capitão, major e coronel. Não são, porém, meramente nominais as suas honras. Quando inferiores ou particulares encontram oficiais superiores, são obrigados a saudá-los com uma, duas, três ou quatro varadas, n'água, com o varejão. O número de varadas obedece à hierarquia do indivíduo saudado o qual sempre retribui o cumprimento com uma única varada. A falta de continência é considerada nessa comunidade aquática, indisciplina sujeita a certas penalidades. Entretanto caso um canoeiro consiga passar à frente de um superior, por habilidade ou sorte, está isento da continência.



Vistas Cinco Pontas – Tomada do Hospital D. Pedro II - Luis Schlappriz. Fonte: Museu da Cidade do Recife (2018).

Como tantos outros viajantes e cronistas que visitaram as cidades brasileiras, Daniel Kidder, registra nesta passagem o modo e o estilo de vida dos canoieiros, que, para além das tradições, a presença de simbolismo que nutria uma relação de obediência e submissão, expressa em uma mentalidade de organização hierarquizada dentro do grupo dos canoieiros. A considerar outras organizações reguladoras fora do grupo, advindas das ordens religiosas e instâncias administrativas da própria província.

Assim, tanto aos aspectos edificadores das tradições dos canoieiros, como na religiosidade, existia “uma certa forma de hierarquia, bem como tradições culturais específica referente ao ofício. Ademais, eles possuíam suas próprias confrarias, [...] uma no Recife, dedicada a Nossa senhora da Conceição dos Canoieiros, e outra em Olinda, dedicada a Nossa Senhora do Rosário.”²²

As confrarias eram organizações que se nutriam em um misto das tradições que conectavam elementos culturais e religiosos de raízes africanas e o catolicismo com as irmandades de origem portuguesa. A “existência dessas confrarias católicas constituídas por profissionais que eram sobretudo negros ‘crioulos’, isto é, nascido no Brasil, ou africanos, [...] que fez surgir o afro-catolicismo - ponto de apoio fundamental para africanos e crioulos, livres ou cativos, presentes no Novo Mundo.”²³

As tradições festivas relacionadas às Irmandades dos Canoieiros, aconteciam anualmente em referência, sobretudo, ao ofício dos canoieiros. Compunham elementos tradicionais a cada Irmandade com representatividade do seu “santo padroeiro”²⁴. A essência da festividade, a “escolha do chefe do ano, fazendo referência ao “governador dos canoieiros”²⁵, se consagrava em um misto que reunia música, orações, missa e oferendas.

[...] E assim, para além das tradições, conduzindo gente, gêneros diversos e pessoas, que os canoieiros contribuíram de maneira efetiva, por pelo menos três séculos, representados por ‘negros canoieiros’, forros ou não, a compor uma comunidade de tradições e elementos culturais, que muito marcou o transporte pelos rios, sobretudo, o transporte de água através dos rios Capibaribe e Beberibe, nas cidades de Olinda e Recife.

Em suma, resgatar suas memórias e histórias ao modo de construção das sociedades de Olinda e Recife como referência cultural, que muito tem a nos contar sobre hábitos, costumes e tradições como elementos constitutivos de padrões identitários e a criar um sentimento de pertencimento. No entanto, não apenas como mero resgate do passado, mas como um ponto edificador de ressignificação do que está posto no presente.

3.1 INVENTÁRIO CULTURAL

“Inventariar é um modo de pesquisar, coletar e organizar informações sobre algo que se quer conhecer melhor. Nessa atividade, é necessário um olhar voltado aos espaços da vida, buscando identificar as referências culturais que formam o patrimônio do local.”²⁶ Visa possibilitar que, as informações constituam-se de maneira compartilhada, a partir do olhar e da valoração das diversificadas referências culturais de todos os envolvidos.

As informações levantadas e sistematizadas, “através do inventário, os bens culturais seriam identificados e documentados, e a partir dessa documentação seria possível elaborar recortes sobre o patrimônio cultural, os sentidos e significados dados pelos grupos sociais produtores desses bens.”²⁷ Apresentando-se assim, como instrumento mediador da aprendizagem, em uma construção coletiva do conhecimento.

O Inventário Cultural se constituiu a partir da metodologia apresentada pelo Inventário Nacional de Referências Culturais – INCR e implementada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, possibilita a sistematização, identificação e recolha de informações através das fichas do Inventário, que se encontram balizadas conforme proposto nas categorias do Patrimônio Cultural.

São categorias do Patrimônio Cultural, os lugares; os objetos; as celebrações/tradições festivas; as formas de expressão; os saberes/ofícios.

ETAPAS DO INVENTÁRIO CULTURAL

01/ LEVANTAMENTO PRELIMINAR

Esta etapa prioriza a delimitação do sítio a ser investigado e sistematização das informações inicialmente levantadas.

As fontes para essa busca, além de entrevistas, pesquisa de fontes secundárias e documentos oficiais.

02/ IDENTIFICAÇÃO

Esta etapa consiste na organização das informações levantadas de modo a priorizar os itens mais relevantes a serem aprofundados.

03/ SISTEMATIZAÇÃO

Esta etapa visa a interpretação e a propagação das informações a respeito dos bens culturais

Fonte: IPHAN (2000).



A água está presente nas mais diversas formas de representações artísticas.
Fonte: Acervo da autora (2018)

LUGARES

O lugar como categoria do patrimônio cultural, constitui os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. Estando esses lugares, em uma estreita relação referencial com o componente social. Sendo assim, os locais de convivência e das experiências. Apresentando representatividade a partir das diversificadas referências a eles atribuídos. A exemplo, uma rua, um bairro, uma praça, uma paisagem, um rio, uma fonte, uma bica, um mercado público, uma feira.

OBJETOS

Como categoria do patrimônio cultural, pode-se destacar que, “estão incluídos aqueles objetos produzidos e utilizados que se relacionam fortemente com a memória e a experiência das pessoas, por estarem associados a fatos significativos de sua história, tornando-se assim uma referência cultural para elas.”²⁸ Faz-se menção aos objetos como categoria do patrimônio cultural, nas artes, na religiosidade, nas tradições festivas, nas formas de expressão, nos saberes e ofícios, bem como, a intencionalidade de uso, sentidos e valores atrelados

a eles.

CELEBRAÇÕES/TRADIÇÕES FESTIVAS

- Esta categoria do patrimônio cultural imaterial está relacionada aos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social. São carregadas de significados compartilhados social e historicamente.

FORMAS DE EXPRESSÃO

Compõe esta categoria os modos próprios de cada grupo ou pessoa expressar-se através das artes e manifestações culturais. São expressas nas mais diversificadas formas da representação artístico-cultural.

SABERES E OFÍCIOS

Constituem os conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades. Compõe essa categoria as tradições e conhecimentos compartilhados entre gerações, representativos de valores simbólicos e tradicionais.



É HORA DE PLANEJAR!

Sendo o Inventário Cultural uma ferramenta de auxílio à pesquisa, se faz necessário planejar etapas e ações:



• Quem vai inventariar?

Qual instituição responsável pelo projeto? Delinear território e contexto ao qual pertencem e definir o grupo que irá participar da pesquisa.

Importante para essa etapa, descrever as principais referências da localização da instituição responsável, características, denominações, histórico, informações socioeconômicas, culturais e ambientais. Interessante que as informações sejam de fontes diversas.

• O que vamos inventariar?

É hora de definir o patrimônio cultural a ser pesquisado, o que nos motiva a querer conhecer sobre ele e o que podemos evidenciar a partir da relação com esse bem. O importante é que a escolha seja feita sob o olhar de todos os agentes envolvidos no projeto.

Sendo o patrimônio cultural um lugar, um objeto ou manifestação cultural, o que se quer buscar é conhecer e poder construir um marco referencial em um contexto histórico, a partir da multiplicidade de sentidos e significados impressos nos saberes de todos os envolvidos.

• Como vamos inventariar?

É hora de colher e sistematizar as informações a serem levantadas. Sugere-se roteirizar todo o processo de recolha das informações.



Definir, as fontes da pesquisa (literatura especializada, jornais, livros, revistas, internet, repositórios institucionais, entrevistas...); modo de registro (anotações, fotografias, gravações de vídeos/áudio, diário de campo, mapas, fichas do inventário...); locais de visita (uma rua, um parque, a margem de um rio, uma comunidade, uma instituição pública...); pessoas a serem entrevistadas (quem? onde? qual relação com o bem pesquisado?...). Uma vez levantado

todo o material da pesquisa, é hora de sistematizar tudo. Organizar os textos, entrevistas, fotos e vídeos. Todo esse material será muito importante para as etapas de interpretação e socialização.

Importante! Para todas as ações de intervenção, filmagens e/ou fotografias, se faz necessário solicitação de autorização individual por escrito, com data e assinatura dos indivíduos/responsáveis dos envolvidos no projeto.



As Águas de Oxalá Olinda - Ritual do Candomblé em saudação a Oxalá, marca a união entre o Candomblé e o Catolicismo. A água tem simbologia de purificação e fonte primordial de vida. Tradicionalmente em Olinda, acontece antes do carnaval e se inicia com a lavagem das ladeiras da Igreja da Sé em Olinda. Fonte: Acervo da autora (2018)

• O que concluímos a partir do inventário?

É o momento de reflexão e construção de julgamento crítico, e sobretudo, o de permitir expressar as impressões a respeito do bem cultural, a justificar sua preservação e a valorização das memórias e identidades culturais atreladas ao mesmo.

Os desdobramentos com base no material levantado, a partir das histórias, das narrativas e das vivências, possibilitam uma diversificada tomada de ações, com direcionamento para uma leitura crítica, a provocar outras leituras para além das já estabelecidas. Para tanto, promova debates e rodas de conversa. O momento é de falar, inferir, opinar e confrontar ideias.

• Como vamos socializar o que concluímos?

Atenção! Câmera! Ação!

O momento é de socializar as informações, promover a troca de impressões em torno da experiência desenvolvida e de autoexpressão e valorização do bem cultural pesquisado. Para tanto, as possibilidades são infindas. Usar a criatividade e as especificidades, talentos e habilidades diversificadas no grupo. Produção de vídeos, painéis de fotos, maquetes, portfólios, cartilhas, expressões artísticas (teatro, música, dança e artes visuais), são algumas das possibilidades de apresentação do seu material. Consulte o grupo a respeito das possibilidades, a participação de todos nas tomadas de decisão é muito importante.

O Ofício de pescador. Na foto, Sr. João Avelino do Carmo, Conhecido como “Dão”, pescador experiente, diz que aprendeu a pescar desde criança com outros pescadores.
Fonte: acervo da autora (2018).



FICHAS DO INVENTÁRIO

PATRIMÔNIO CULTURAL ÁGUA

1 - FICHAS NORTEADORAS

FICHA DO PROJETO

FICHA DE ENTREVISTAS

2- FICHAS DAS CATEGORIAS

LUGARES

OBJETOS

CELEBRAÇÕES/ TRADIÇÕES FESTIVAS

FORMAS DE EXPRESSÃO

SABERES/OFÍCIOS

- **Art. 216 Constituição Federal/1988.**

http://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_216_.asp

Institui o patrimônio cultural brasileiro de bens culturais de natureza material e imaterial que constituem o patrimônio cultural brasileiro.

- **Decreto 3.555 – 04/08/2000.**

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3555compilado.htm

Institui o registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem o patrimônio cultural brasileiro

OUTROS MODELOS DE FICHAS DE INVENTÁRIO

- **INRC**

<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/685/>

- **KIT DE RECOLHA DE PATRIMÔNIO IMATERIAL**

<http://www.matrizpci.dgpc.pt/matrizpci.web/AreaJovens/AreaJovensKit.aspx>

- **INVENTARIO PARTICIPATIVO/ IPHAN**

http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/inventariodopatrimonio_15x21web.pdf



FICHA DO PROJETO

NOSSO PROJETO

Título:

Responsável:

Período de realização
(ano/período):

Nossa escola (ou entidade
responsável pelo projeto):

Onde ela fica?

Principais características e
referências da localização
da nossa escola
(descrição, denominação,
histórico, informações
socioeconômicas,
culturais e ambientais):

Imagem da escola/entidade

Título:

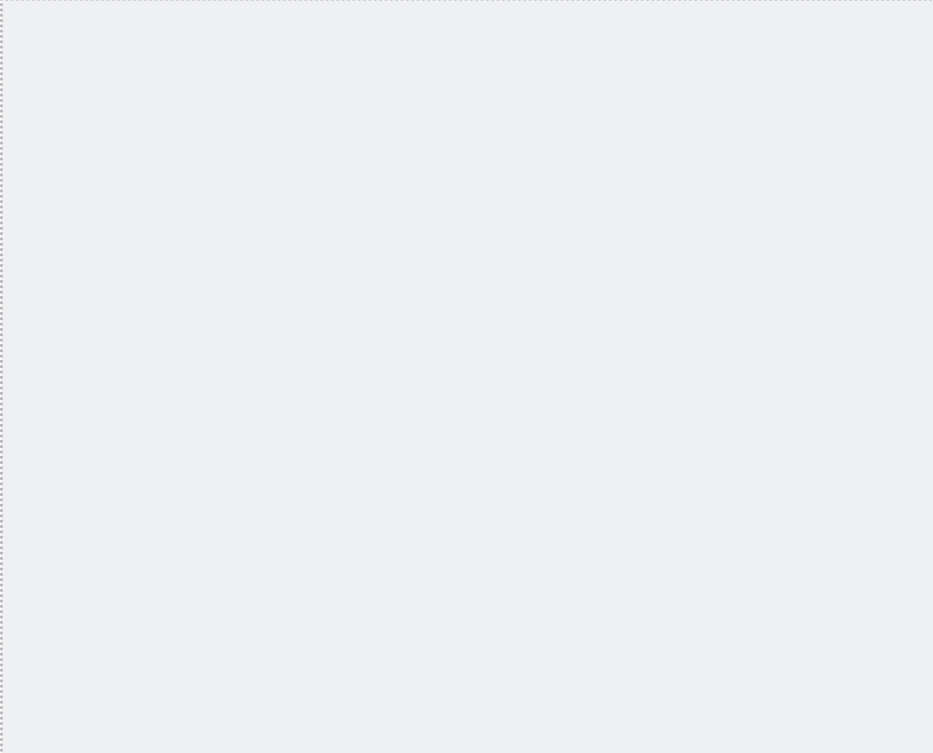
Assunto:

Autor:

Data:

Local:

Imagem do território

	Título:
	Assunto:
	Autor:
	Data:
	Local:

Quem somos? Nomes, idades... da equipe

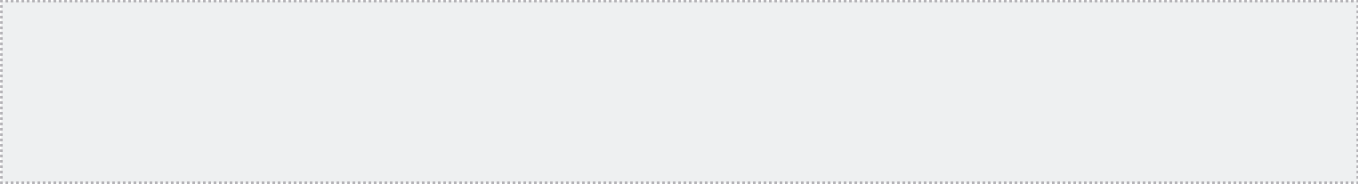
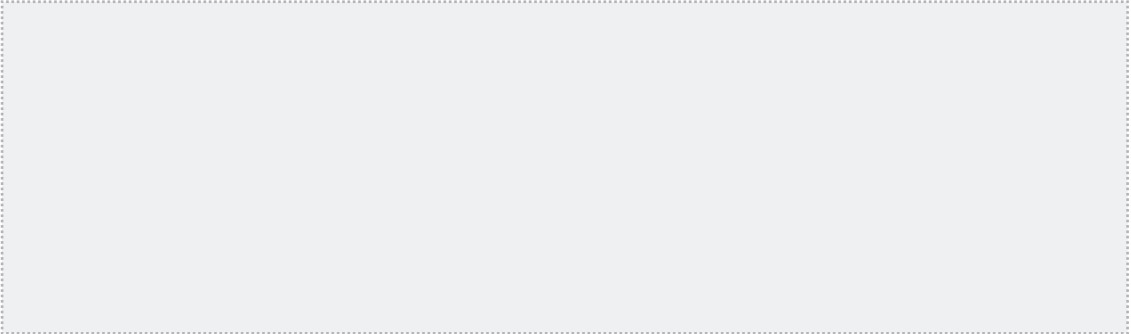


Imagem da equipe



O Que vamos inventariar?

Categorias	Nome	Local
☐ Lugar		
☐ Objeto		
☐ Celebrações/ Tradições festivas		
☐ Formas de expressão		
☐ Saberes e ofícios		

O que nos motivou a pesquisar esse bem cultural / manifestação cultural?

Quais materiais produziremos em nossa pesquisa?

- ☐ Fotografias
- ☐ Gravações - som/vídeo
- ☐ Entrevistas
- ☐ Diários de campo
- ☐ Desenhos

- ☐ Mapas
- ☐ Outros

De que maneira vamos socializar os saberes, sentidos e significados que pesquisamos?

O que mais poderemos incluir em nosso projeto?

FICHA DE ENTREVISTA

Entrevistado nº:

Entrevistador:

Local:

Data:

QUEM IREMOS ENTREVISTAR?

Nome:

Conhecido (a) por:

Idade:

Onde nasceu?

Onde mora?

Como nos comunicamos?

Telefone:

Email:

Escolaridade:

Profissão:

O QUE VAMOS CONHECER?

Categorias	Nome	Local
☐ Lugar		
☐ Objeto		
☐ Celebrações/ Tradições festivas		
☐ Formas de expressão		
☐ Saberes e ofícios		

O QUE QUEREMOS SABER?

Qual a relação da pessoa com o bem cultural/manifestação cultural pesquisado?
(como faz? o quê? onde? com quem aprendeu? a quanto tempo? para que...)

Como vamos registrar esse momento?

- ☐ Imagem
- ☐ Áudio
- ☐ Vídeo
- ☐ Diário de bordo

Resumo da entrevista

Imagem da entrevista

	Título:
	Assunto:
	Autor:
	Data:
	Local:

FICHA DAS CATEGORIAS

LUGARES

Qual lugar vamos pesquisar?

Nome:

Conhecido como:

Imagem do bem cultural

Título:

Assunto:

Autor:

Data:

Local:

Sobre esse lugar, descreva:

(o que é, onde fica, qual a sua história, significado para as pessoas, atividades que acontecem, pessoas envolvidas, significados, memórias e processos identitários relacionados...)

O que concluímos sobre esse lugar ou bem cultural?

O que gostaríamos de manter, modificar ou acrescentar a esse lugar enquanto referência cultural?

FICHA DAS CATEGORIAS

OBJETOS

Qual/ quais objetos vamos pesquisar?

Nome:

Conhecido como:

Imagem do bem cultural

Título:

Assunto:

Autor:

Data:

Local:

Sobre esse objeto, descreva:

(o que é, onde fica, qual a sua história, significado para as pessoas, atividades que acontecem, pessoas envolvidas, significados, memórias e processos identitários relacionados...)

O que concluímos sobre esse objeto ou bem cultural?

O que gostaríamos de manter, modificar ou acrescentar a esse objeto enquanto referência cultural?

FICHA DAS CATEGORIAS

CELEBRAÇÕES E TRADIÇÕES FESTIVAS

Qual/quais celebrações e tradições festivas vamos pesquisar?

Nome:

Conhecido como:

Imagem da celebração/ tradição festiva

Título:

Assunto:

Autor:

Data:

Local:

Sobre essa celebração/tradição festiva, descreva:

(o que é, onde fica, qual a sua história, significado para as pessoas, atividades que acontecem, pessoas envolvidas, significados, memórias e processos identitários relacionados...)

O que concluímos sobre essa celebração/tradição festiva na perspectiva de um bem cultural?

O que gostaríamos de manter, modificar ou acrescentar para que essa celebração/tradição festiva permaneça como um bem cultural?

FICHA DAS CATEGORIAS

FORMAS DE EXPRESSÃO

Qual/quais formas de expressão vamos pesquisar?

Nome:

Conhecido como:

Imagem da forma de expressão

Título:

Assunto:

Autor:

Data:

Local:

Sobre essa forma de expressão, descreva:

(o que é, onde fica, qual a sua história, significado para as pessoas, atividades que acontecem, pessoas envolvidas, significados, memórias e processos identitários relacionados...)

O que concluímos sobre essa forma de expressão na perspectiva de bem cultural?

O que gostaríamos de manter, modificar ou acrescentar para que essa forma de expressão permaneça como um bem cultural?

FICHA DAS CATEGORIAS

SABERES E OFÍCIOS

Qual/quais saberes e ofícios vamos pesquisar?

Nome:

Conhecido como:

Imagem do saber ou ofício

Título:

Assunto:

Autor:

Data:

Local:

Sobre esse saber ou ofício, descreva:

(o que é, onde fica, qual a sua história, significado para as pessoas, atividades que acontecem, pessoas envolvidas, significados, memórias e processos identitários relacionados...)

O que concluímos sobre esse saber ou ofício na perspectiva de bem cultural?

O que gostaríamos de manter, modificar ou acrescentar para que esse saber ou ofício permaneça como um bem cultural?

NOTAS

1 PELEGRINI, Sandra C. A. O Patrimônio Cultural e a Materialização das memórias individuais e Coletivas. UNESP- São Paulo, FCLAs, v.3,n.1, 2007 p.87.

2 MAGALHÃES, Leandro Henrique; ZANON Elisa; BRANCO Patricia Martins Castelo. Educação Patrimonial: da teoria à prática. Londrina; 1ª Edição. Ed. UniFil, 2009. p.34.

3 MALTÊZ, C. R.; SOBRINHO, C. P. C.; BITTENCOURT, D. L. A.; MIRANDA, K. dos R.; Martins, L.N.- Educação e Patrimônio: o papel da Escola na preservação e valorização do Patrimônio Cultural- Pedagogia em ação, v.2, n.2, nov. 2010. p. 1-117.

4 MAGALHÃES; ZANON; BRANCO, op. Cit. P.42.

5 BRASIL. Sessão II, Art. 216 da Constituição da República Federativa do Brasil : texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, – 35. Ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012. p.454

6 BRASÍLIA, Decreto Presidencial nº 3.551, de 04 de Agosto de 2000 – Institui o Registro de Bens Culturais de natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Imaterial e da outras providências – Presidência da República, Brasília, 2000. P. 25.

7 IPHAN. Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos- redação- Sônia Rampim Florêncio; Pedro Clerot; Juliana Bezerra; Rodrigo Ramassote, DAF – CEDUC/IPHAN, 2014. P.14.

8 CARSALADE, Flávio. Bem. In: REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural. 1. ed. Rio de Janeiro; Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015. P. 01.

9 FRANCA, Dalvino T.; RIBEIRO, A., Patrimônio Cultural e Proteção dos recursos Hídricos. In: 1º Colóquio Ibero-Americano- Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto- Desafios e Perspectivas, 1.2010, Belo Horizonte-MG. Anais, 2010. P.01.

10 BACCI, Denise de La Corte; PATACA, Ermelinda Moutinho. Educação para a água. Estudos Avançados 22 (63) São Paulo, 2008. P. 211.

11 IPHAN. Rotas do Patrimônio – Olinda Sítio Histórico. IPHAN/ Programa Monumenta/Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), 2010. P. 03.

12 IPHAN. Rotas do Patrimônio Recife – Bairro do Recife . IPHAN/ Programa Monumenta/Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), 2010. P. 03.

13 CAMPOS, Hernani Loebler. O rio Beberibe e sua importância para o abastecimento de água da Região Metropolitana do Recife – RMR: uma

perspectiva histórica. Clio – Serie Revista de Pesquisa Histórica. Nº26-1, 2008. P.03.

14 FRANCA, Dalvino Trocoli (coord.). A História do Uso da ÁGUA no Brasil. Do descobrimento ao Século XX. ANA – Agência Nacional de Águas. Brasília-DF, 2006. P. 71.

15 CAMPOS. Op. cit., P.04.

16 MELLO, Evaldo Cabral de. Canoas do Recife: Um estudo de Microhistória Urbana. Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano. V. L. Recife, 1978. P.72.

17 FRANCA, op. Cit. P. 81.

18 CARVALHO, Marcus J.M. Os caminhos do rio: negros canoieiros no Recife na primeira metade do século XIX. Revista Afro-Ásia, v. 19-20, Recife, 1997. P. 87.

19 SILVA, R. M. D. Memória social e individualização na trajetória de atores engajados em projetos de educação patrimonial. Educação & Sociedade, v. 38, n. 141, p. 1035-1050, 2017.

20 CARVALHO, op. Cit., P. 88.

21 COSTA JÚNIOR, Olympio. Os antigos engenhos – os rios Beberibe e Capibaribe – Olinda – Recife. Anuário de Olinda. 1958- Anos XI – XII – Olinda, 1958. p.85.

22 SILVA, Luiz Geraldo .A faina, a festa e o rito:

uma etnografia histórica sobre as gentes do mar (sécs. XVII ao XIX) - Campinas, SP: Papirus, 2001. P. 145-150.

23 Ibid., loc. Cit.

24 Ibid., loc. Cit.

25 Ibid., loc. Cit.

26 FLORENCIO, Sônia Regina Rampim et al. Educação Patrimonial: Inventários Participativos: manual de aplicações/ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHA; texto, Sônia Regina Rampim Florêncio et al. – Brasília – DF, 2016. P.07.

27 ANTUNES, C. S.; GUIMARÃES, A. C. R. Repensando uma Metodologia: a experiência de aplicação do inventário nacional de referências culturais, 2006. Revista Mosaico Social- Ano 3- dezembro de 2006. P. 199.

28 FLORENCIO, et. Al., op. Cit., P.39.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JUNIOR (1850-1899). Óleo sobre tela, 199 x 135cm – “Salto de Itu, piquenique

da família do Dr. Elias Chaves”, 1886. Acervo Museu Paulista (Museu de Piranga) / Wikimedia Commons. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Almeida_J%C3%BAnior_-_Salto_de_Itu,_1886.jpg> Acesso em 20/06/2018.

ALVES, Flávia Lima (Org.). Patrimônio Imaterial: disposições constitucionais: normas correlatas: bens imateriais registrados. Brasília; Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2012. 84p. ISBN: 978-85-7018-421-4. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/496320>

ANA. Contas econômicas ambientais da água no Brasil 2013–2015 / Agência Nacional de Águas, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Secretaria de Recursos Hídricos e Qualidade Ambiental. -- Brasília: ANA, 2018 79 p. il. ISBN 978-85-8210-055-4. Disponível em: http://www3.ana.gov.br/todos-os-documentos-do-portal/documentos-spr/contas_economicas.pdf. Acesso em: 16/05/2018.

ANA. Caminho das Águas. Agência Nacional de Águas/Fundação Roberto Marinho. Rio de Janeiro RJ, 2006. Disponível em: <https://capacitacao.ead.unesp.br/conhecerh/handle/ana/124?mode=full>. Acesso em: 16/05/2018.

ANA. A Questão da Água no Nordeste / Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, Agência

Nacional de Águas. – Brasília, DF: CGEE, 2012. ISBN 978-85- 60755-45-5. Disponível em: <http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/669/4/A%20quest%C3%A3o%20da%20%C3%A1gua%20no%20Nordeste.pdf>

ANTUNES, C. S.; GUIMARÃES, A. C. R. Repensando uma Metodologia: a experiência de aplicação do inventário nacional de referências culturais, 2006. Revista Mosaico Social- Ano 3- dezembro de 2006.

BRASIL. Sessão II, Art. 216 da Constituição da República Federativa do Brasil : texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, – 35. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012. 454 p. – ISBN 978-85-736-5934-4.

BRASÍLIA, Decreto Presidencial nº 3.551, de 04 de Agosto de 2000 – Institui o Registro de Bens Culturais de natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Imaterial e da outras providências – Presidência da República, Brasília, 2000.

BACCI, Denise de La Corte; PATACA, Ermelinda Moutinho. Educação para a água. Estudos Avançados 22 (63) São Paulo, 2008. P. 211.

BASSLER, W. Vista da cidade do Recife e da parte de Olinda tomada da Ladeira da Misericórdia (1847). Museu da Cidade do Recife (2018).

BASSLER, W. Ponte do Recife – Litografia a presença de canoas d’água. – Raras e Preciosas

vistas panoramas de Recife (1755 - 1855). Museu da Cidade do Recife (2018).

BORGES, Francisco Fachine. Caixa de Ciências-Água- 20 experimentos para o uso sustentável da água. (recurso eletrônico) – Mídia Gráfica e Editora-João Pessoa- PB 2017. 80p. : il. Disponível em: <https://capacitacao.ead.unesp.br/dspace/handle/ana/297> Acesso em 27/04/2018.

CAMPOS, Hernani Loebler. O rio Beberibe e sua importância para o abastecimento de água da Região Metropolitana do Recife – RMR: uma perspectiva histórica. Clio – Serie Revista de Pesquisa Histórica. Nº26-1, 2008.

CANDAU, Joel. Memória e Identidade; tradução Maria Leticia Ferreira. – 1. ed., 3ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2006. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/309841017/CANDAU-Joel-Memoria-e-identidade-pdf>

CARLS, F.H. Litografia Pernambuco – Tomada do Hospital D. Pedro II, 1878. Museu da Cidade do Recife (2018).

CARVALHO, Marcus J.M. Os caminhos do rio: negros canoieiros no Recife na primeira metade do século XIX. Revista Afro-Ásia, v. 19-20, Recife, 1997. DOI- 10.9771/1981-141-afro-ásia.v0i19-20.20948.

CARSALADE, Flávio. Bem. In: REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural. 1. ed. Rio de Janeiro; Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015. (termo chave Bem). ISBN 978-85-7334-279-6

COSTA JÚNIOR, Olympio. Os antigos engenhos – os rios Beberibe e Capibaribe – Olinda – Recife. Anuário de Olinda. 1958- Anos XI – XII – Olinda, 1958. p.85.

CPRH, Quem vai salvar o rio?/ Agência Estadual de Meio Ambiente/ Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade, texto Francicleide Palhano. Recife- PE. 2018. Disponível em: <http://www.cprh.pe.gov.br/Publicacoes/Educativas/41788%3B72342%3B4903%3B0%3B0.asp> Acesso em 27/04/2018.

CPRH, Pingo de Quê?/ Agência Estadual de Meio Ambiente/ texto Francicleide Palhano de Oliveira. Recife- PE. 2014. Disponível em: http://www.cprh.pe.gov.br/ARQUIVOS_ANEXO/Livro%20Pingo%20de%20qu%C3%AA%20capa%20certa.pdf Acesso em 27/04/2018.

DNIT,/ Água. Ou todos preservam ou ela acaba/ Texto, Filipy Henrique Bonfim Andrade Robson Figueiredo Cunha, Programa de Educação Ambiental e Comunicação Social da BR-135 / Fundação BioRio. - Brasília : Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT) , 2011. 1ª Edição. Disponível em: <http://www.dnit.gov.br/download/meio-ambiente/acoes-e-atividades/educacao-ambiental/cartilhas/br-135/cartilha-campanha-do-tema-agua.pdf> Acesso em 27/04/2018.

DUALIBI, Miriam; SENRA, João Bosco; FRIEDRICH, Nelson Miguel. Ciranda das Águas, tecendo rede de boas práticas e apoio à ação local. MMA – Ministério do Meio Ambiente - Brasília- DF, 2011. Disponível em: http://www.mma.gov.br/estruturas/161/_publicacao/161_publicacao07102011101118.pdf Acesso em 16/05/2018.

FLORENCIO, Sônia Regina Rampim et al. Educação Patrimonial: Inventários Participativos: manual de aplicações/ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN; texto, Sônia Regina Rampim Florêncio et al. – Brasília – DF, 2016.

FRANCA, Dalvino T.; RIBEIRO, A., Patrimônio Cultural e Proteção dos recursos Hídricos. In: 1º Colóquio Ibero-Americano- Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto- Desafios e Perspectivas, 1.2010, Belo Horizonte-MG. Anais, 2010.

FRANCA, Dalvino Trocoli (coord.). A História do Uso da ÁGUA no Brasil. Do descobrimento ao Século XX. ANA – Agência Nacional de Águas. Brasília-DF, 2006.

Disponível em: http://historiadaagua.ana.gov.br/livro_historia_agua.pdf Acesso em 16/05/2018.

FUNDARPE, Patrimônios de Pernambuco: materiais e imateriais / Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco. 3. ed. rev. ampl. Recife: FUNDARPE, 2014. 144 p.: il.: color. ISBN Disponível em: https://issuu.com/cultura.pe/docs/patrimonios_de_pernambuco_3_edicao/105.

.INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. Inventário nacional de referências culturais: manual de aplicação. Apresentação de Célia Maria Corsino. Introdução de Antônio Augusto Arantes Neto. – Brasília, 2000.

____ IPHAN. Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais/ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - texto e revisão de Natália Guerra Brayner. – ed. Brasília, DF: Iphan, 2012.

Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/cartilha_1__parasabermais_web.pdf

____ IPHAN. Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos- redação- Sônia Rampim Florêncio; Pedro Clerot; Juliana Bezerra; Rodrigo Ramassote, DAF – CEDUC/ IPHAN, 2014. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Educacao_Patrimonial.pdf

____ IPHAN. Rotas do Patrimônio – Olinda Sítio Histórico. IPHAN/ Programa Monumenta/Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), 2010.

____ IPHAN. Rotas do Patrimônio Recife – Bairro do Recife. IPHAN/ Programa Monumenta/Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), 2010.

JOAQUIM, Leandro. Vista do largo do Boqueirão e do Aqueduto de Santa Teresa (1790) Rio de Janeiro. (1738-1798). National Historical Museum/ Wikimedia Commons (2018). Disponível em <<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:LeandroJoaquim-1790-Arcos.jpg?uselang=pt-br> > Acesso em: 20/06/2018.

MALTÊZ, C. R.; Sobrinho, C. P. C.; Bittencourt, D. L. A.; Miranda, K. dos R.; Martins, L.N.- Educação e Patrimônio: o papel da Escola na preservação e valorização do Patrimônio Cultural- Pedagogia em ação, v.2, n.2, p. 1-117, nov. 2010.

MAGALHÃES, Leandro Henrique; ZANON Elisa, BRANCO Patricia Martins Castelo. Educação Patrimonial: da teoria à prática. Londrina; 1ª Edição. Ed. UniFil, 2009.

Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/216837255_Educacao_Patrimonial_-_Da_Teoria_a_Pratica

MELNTYRE-TAMWOY'S, Susan. Et al. Patrimônio Cultural Del Agua/ 18 de Abril de 2011 – Día Internacional de los Monumentos y Sitios El Patrimonio Cultural del Agua/ UNESCO Etxea – Centro UNESCO del País Vasco, 2011. Disponível em http://www.unescoetxea.org/dokumentuak/UNESCO_ICOMOS2011

MELLO, Evaldo Cabral de. Canoas do Recife: Um estudo de Microhistória Urbana. Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano. V. L. Recife, 1978

OLIVEIRA, Francicleide Palhano. E eu com isso? : Uma reflexão sobre nossas respostas às questões ambientais. Recife : CPRH, 2009. 13p. Disponível em: http://www.cprh.pe.gov.br/ARQUIVOS_ANEXO/cartilha-e-eu-com-isso;0419;20091119.pdf Acesso em: 27/04/2018.

PAULA JÚNIOR, F. de.; MODAELLI, S. (Org.). Política de águas e Educação Ambiental: processos dialógicos e formativos em planejamento e gestão de recursos hídricos. Brasília: MMA/ SRHU, 2013. 288 p. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/publicacoes/agua/category/42-recursos-hidricos> Acesso em: 27/04/2018.

PELEGRINI, Sandra C. A. O Patrimônio Cultural e a Materialização das memórias individuais e Coletivas. UNESP- São Paulo, FCLAs, v.3,n.1, 2007 p.87. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/33>

RODRIGUES, João Paulo. A FESTA DE NOSSA SENHORA DAS ÁGUAS: Patrimônio imaterial e a cultura popular. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300849443_ARQUIVO_nossasenhoradasaguas.pdf

SCHLAPPRIZ, Luis. Vistas Cinco Pontas – Tomada do Hospital D. Pedro II . Museu da Cidade do Recife (2018).

SILVA, Edvania Gomes de Assis. Povos das Águas [texto] / Edvania Gomes de Assis Silva et. al. – Teresina: EDUFPI:SIEART, 2017.24 p. : il. color. Disponível em: <https://capacitacao.ead.unesp.br/dspace/handle/ana/321> Acesso em: 27/04/2018.

SILVA, Luiz Geraldo .A faina, a festa e o rito: uma etnografia histórica sobre as gentes do mar (sécs. XVII ao XIX) - Campinas, SP: Papirus, 2001.

SILVA, R. M. D. Memória social e individualização na trajetória de atores engajados em projetos de educação patrimonial. Educação & Sociedade, v. 38, n. 141, p. 1035-1050, 2017. Doi: 10.1590/es0101-73302017174089

TEIXEIRA, Carlos Antonio. A História da Água no Brasil- do descobrimento aos dias atuais: Águas no país das jabuticabas, coordenador Carlos Antonio Teixeira et al- UNASP – Centro Universitário Adventista de São Paulo. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://capacitacao.ead.unesp.br/dspace/handle/ana/196?mode=full>. Acesso em 27/04/2018.

TEIXEIRA, Luís. Mapa com a Vila de Olinda e o Porto do Recife, Brasil Colônia. (1582 – 1585). Wikimedia Commons (2018). Disponível em: < https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Vila_de_Olinda_e_Porto_do_Recife_-_Mapa_de_Lu%C3%ADs_Teixeira_-_c_1582-1585.jpg. Acesso em: 26/07/2018.

Wikidança- Enciclopédia Virtual , Galo da madrugada. Disponível em <http://wikidanca.net/wiki/index.php/Arquivo:Galo.jpg> Acesso em: 20/06/2018.

Wikipedia - Enciclopédia Virtual , Panoramic view - Olinda, Pernambuco, Brazil.jpg. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Panoramic_view_-_Olinda,_Pernambuco,_Brazil.jpg#globalusage

AUTORES



**Autora: Carla Valéria
de Miranda Costa Duarte**

Graduada em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (2007), especialista em Educação Integral, Cidadania e Inclusão Social pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (2010), mestra em Ensino das Ciências Ambientais – PROFCIAMB, pela Universidade Federal de Pernambuco (2018). Atualmente é professora das Redes Municipais de Ensino de Recife e Olinda da Educação Básica, atuando nos seguintes temas: Educação Integral; Práticas Pedagógicas na perspectiva da Educação Ambiental Crítica; Educação Patrimonial com ênfase na Preservação Ambiental; Objetos e Produtos Educacionais no Ensino das Ciências Ambientais.



**Orientador:
Otacílio Antunes Santana**

Licenciado e Bacharel em Ciências Biológicas pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2000), mestre e doutor em Ciências Florestais pela Universidade de Brasília (2003 e 2007). Fez estágio de doutorado (“doutorado sanduíche”) na Georg-August Universität Göttingen/Alemanha (2006). Tem apetência em Educometria e Biofísica Florestal. Atualmente é professor Adjunto da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), departamento e Biofísica e Radiologia (DBR); professor e coordenador do Mestrado Profissional em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais – ProfCiamb (UFPE).

A água está em tudo! Ao cair do céu, fluir pelos cantos da rua, encher o copo. O que muitas vezes passa despercebido é que sua importância fundamental vai além do óbvio líquido transparente que escorre entre as mãos na hora do banho. Está na história, religião, economia, cultura, metafísica!

Este é um Guia sobre a água e ele se propõe a saciar outras sedes essenciais: a de conhecimento, a de consciência de espaço e vivência, a partir de ações educativas focadas no Patrimônio Cultural.

Ao mergulhar nestas páginas, os educadores são convidados a refletir sobre a água em todas as suas vertentes e formatar ações educacionais que ofereçam aos alunos a oportunidade de um entendimento sobre o tema que os coloque no centro do conhecimento. Afinal, a sua vivência e seu ambiente são os pontos de partida do processo de aprendizagem.

Vanessa Duarte



LivroRápido

ISBN 978-85-5707-946-5



9 788557 107946 5

